

Sumário

Agradecimentos	9
Introdução.....	11
1. Reconhecendo a voz do Espírito	19
2. Aprendendo a ouvir o coração de Deus pelo Espírito	39
3. O Espírito nos capacita para o evangelismo	55
4. O Espírito e nosso modo de viver	75
5. Os dons espirituais aplicam-se ao presente?	95
6. Uma investigação mais detalhada de alguns dons espirituais.....	125
7. O Espírito e a salvação	153
8. Quando somos batizados no Espírito?	165
9. O dom de línguas e o Espírito	191
10. Por que discernir o Espírito?	211
Conclusão	229
Apêndice: O que as narrativas bíblicas podem nos ensinar?	233

Agradecimentos

Meus agradecimentos especiais aos editores da Baker, Bob Hosack e Melinda Van Engen; também a Amanda Beckenstein e Jonathan e Melissa Fettig, meus alunos no Eastern Seminary, que redigitaram grande parte do manuscrito depois que um erro no disco rígido destruiu a versão digital de alguns capítulos. Agradeço, ainda, a minha colega Kristin Frederick-Smoot, diretora de formação espiritual do seminário e uma pessoa de oração, por seus comentários úteis, e a meu amigo Alyn Waller, pastor da igreja batista Enon Tabernacle, na Filadélfia, Estados Unidos.

Visto que grande parte do material de *3 crucial questions about the Holy Spirit* [Três perguntas cruciais sobre o Espírito Santo]¹ foi incluído nesta obra, também preciso agradecer a alguns amigos queridos com pontos de vista diferentes a respeito das questões mais controversas que leram este manuscrito. Entre eles, estão Melesse e Tadesse Woldetsadik, dois irmãos carismáticos etíopes que levaram centenas de pessoas a Cristo enquanto viviam em campos de refugiados no Quênia. Melesse se formou no Columbia Biblical Seminary e escreveu um livro sobre o Espírito em amárico, a principal língua da Etiópia. Esse grupo também inclui Sharon Saunders, ex-missionária batista da Africa Inland Mission, e Jackie Reeves, pastor carismático da igreja African Methodist Episcopal (AME) em New Jersey, Estados Unidos. Também sou grato aos editores desse primeiro projeto: Richard Jones, Grant Osborne, Jim Weaver e Wells Turner. Aprendi muita coisa ao interagir com meus ouvintes e alunos em seminários e retiros que ofereci para a organização Circle Urban Ministries (Chicago), para a igreja Chinese United Methodist (New York) e para o Eastern Seminary (Philadelphia), bem como em um curso sobre formação espiritual que ministrei aqui e em aulas que ministrei para as turmas de Teologia do Novo Testamento de meu colega Manfred Brauch.

¹*3 crucial questions about the Holy Spirit* (Grand Rapids: Baker, 1996).

Everett e Esther Cook, a quem dedico este livro, passaram parte considerável do século 20 plantando igrejas pentecostais no oeste dos Estados Unidos. Em seguida, com a renda de sua aposentadoria, abriram um ministério para moradores de rua e foram mentores de universitários que trabalhavam com eles nesse ministério, tratando-os como filhos. Embora Everett e Esther não tenham tido a oportunidade de estudar em uma faculdade e eu, a princípio, estivesse mais deslumbrado com a ampliação do meu próprio conhecimento acadêmico, em última análise, aprendi muito mais com sua vida de fidelidade humilde do que qualquer livro poderia ter me ensinado.

Introdução

Pontos de vista e rótulos

Há consenso entre os cristãos quanto a boa parte daquilo que a Bíblia ensina a respeito do Espírito Santo, como o fruto do Espírito e a obra do Espírito na salvação. A maioria de nós concorda que ele nos concede poder para o evangelismo, e também estamos de acordo a respeito de pelo menos alguns dons espirituais e algumas formas pelas quais ouvimos a voz de Deus. No entanto, muitas vezes existem divergências entre os cristãos quanto à importância de certos dons (especialmente o dom de línguas) e sobre quando acontece o batismo no Espírito, se na conversão, se depois dela ou, em certo sentido, se em ambos os momentos.

Meu objetivo ao escrever este livro é ajudar os cristãos a compreenderem melhor como o Espírito nos concede poder para a vida. Portanto, grande parte da obra trata de áreas práticas nas quais o Espírito nos ajuda na vida cristã. Além disso, busco auxiliar os cristãos em algumas questões controversas a respeito do Espírito Santo, pois as respostas para essas perguntas também afetam a vida e os ministérios da igreja. Nessas seções do livro, procuro apresentar vários pontos de vista de forma imparcial, embora, no final, argumente em favor dos posicionamentos que considero bíblicos. Nós, cristãos, só seremos capazes de caminhar rumo a um consenso ou, pelo menos, rumo a uma união em torno da obra de Deus, apesar de nossas diferenças, se ouvirmos os motivos uns dos outros para adotar diferentes posicionamentos.

Definição de termos: *carismático* e *evangélico*

Em um livro anterior, descrevi-me como “carismático”, no sentido mais amplo do termo. Em boa parte da América do Norte, essa designação costuma indicar cristãos que defendem a contemporaneidade dos dons espirituais e os praticam, mas não são membros de uma igreja pentecostal. Por vezes, também se refere de

modo mais específico àqueles que oram em línguas, um grupo que, naturalmente, também defende a contemporaneidade dos dons espirituais e os pratica. Procurei levar em conta essas duas definições tradicionais, abarcando qualquer um que se sentir à vontade para descrever a si mesmo dessa forma. A fim de adotar uma só designação mais abrangente e conveniente, também incluí nessa classificação a terceira onda² e outros grupos que talvez não adotem o rótulo de “carismáticos”. Embora os contornos da igreja de hoje sejam diferentes da época em que “carismático” significava, em essência, não cessacionista, até agora não surgiu nenhum outro termo para substituir essa designação.

Desde que escrevi *3 crucial questions about the Holy Spirit*, descobri que o termo é usado de diferentes maneiras em diferentes círculos. Alguns amigos nigerianos da Evangelical Church of West Africa (ECWA) e amigos evangélicos de igrejas mais tradicionais do México me advertiram que, em seus meios, o termo “carismático” se refere àqueles que defendem ensinamentos da teologia da prosperidade e que “tomam posse” de bênçãos materiais. Seria preferível abandonar essa designação a correr o risco de alguém imaginar que defendo ensinamentos desse tipo! (Aliás, estou escrevendo um livro para a Nigéria, em coautoria com um professor e pastor nigeriano, que justamente refuta essas crenças e práticas.) Em seu livro *I was wrong* [Eu estava errado], Jim Bakker, que antes propagava a teologia da prosperidade, confessa ter descoberto que durante anos pregou exatamente o contrário do que Jesus ensinou. O estudo contextualizado da Bíblia mudou seu modo de pensar e o levou a repudiar suas crenças anteriores a respeito

²Em uma série que escreveu para a revista *Christianity Today* sobre as várias correntes do pentecostalismo, Ed Stetzer explica o que é a terceira onda, movimento significativamente impactado por John Wimber e C. Peter Wagner. Segundo Stetzer, o “pentecostalismo clássico foi a primeira das três ondas que os observadores classificam como o derramamento do Espírito Santo nos últimos dias. O Avivamento da Rua Azusa, liderado por William Seymour, de 1906 a 1915, impulsionou este movimento e incluía os dons de línguas, cura e profecia. Ainda segundo a explicação de Stetzer, “As igrejas carismáticas, que em geral não pertencem às denominações pentecostais tradicionais, embora defendam teologia e práticas semelhantes [...] são consideradas a segunda onda da obra do Espírito Santo. Denominações protestantes tradicionais, igrejas carismáticas independentes e partes da Igreja Católica Romana compoem este movimento carismático que surgiu na década de 1960”. A terceira onda, segundo Stetzer, “às vezes referida como o movimento dos sinais e maravilhas, ganhou espaço nos anos 1980. Os integrantes da terceira onda são ‘Evangélicos vindos de igrejas reformadas e dispensacionalistas que passaram por uma mudança de paradigma e agora acreditam que os dons de sinais e milagres, retratados nos Evangelhos e no Livro de Atos, continuam até o presente’ [Ken L. Sarles. “An appraisal of the signs and wonders movement”. *Bibliotheca Sacra*, 145(577), 1988, p. 57-82]”. Veja Ed Stetzer, “The third wave: the continualist movement Continues”, disponível em: <http://www.christianitytoday.com/edstetzer/2013/october/third-wave.html>, acesso em: 10 abr. 2017. (N. do E.).

dessa questão. Hoje, milhões de cristãos que seguem a Bíblia e chamam a si mesmos de carismáticos não creem nos ensinamentos da teologia da prosperidade.

Não desejo correr o risco de causar confusão empregando um rótulo com diferentes significados para diferentes leitores. No entanto, embora use o termo *carismático* com menos frequência neste livro, tive de mantê-lo em algumas ocasiões pelo simples motivo de que não existe nenhum outro termo disponível em nossa língua capaz de abranger todos os que defendem a contemporaneidade dos dons espirituais e os praticam. Em geral, a designação *pentecostal* se aplica de modo específico àqueles que pertencem a denominações pentecostais e, por mais que eu goste das denominações pentecostais (e compartilhe pessoalmente da “experiência pentecostal”), a maioria das pessoas não usaria esse título para me descrever, pois fui ordenado para o ministério em uma igreja batista, e não em uma igreja pentecostal. Devo enfatizar, ainda, que nem todos os carismáticos e pentecostais concordam com tudo o que tem sido praticado sob a designação “carismático”. Há quem use o Espírito para justificar indevidamente coisas de toda espécie (assim como há quem use a Bíblia ou Cristo para justificar coisas de toda espécie).

De modo semelhante, nem todos usam o termo *evangélico* da mesma forma. Eu emprego esse termo para descrever os evangélicos mais conservadores que aceitam a Bíblia como Palavra de Deus, procuram obedecer a ela e comprometem-se a evangelizar o mundo, pois reconhecem Cristo como o único caminho para a salvação. Esse termo tem sido aplicado de modo mais restrito, ou seja, em sentido denominacional ou subcultural, mas faço uso dele em sentido histórico mais amplo.³ Os meios nos quais circulo e a maior parte do público deste livro acabaram definindo até certo ponto as questões das quais trato aqui e seu nível de detalhamento. (Por exemplo, não trato em detalhes de conceitos sacramentais do Espírito na “confirmação”, embora muitos cristãos sérios em diversas partes do mundo adotem esses conceitos. Não quero, com isso, minimizar a importância dessa discussão, mas vários aspectos dela giram em torno das necessidades da igreja primitiva depois da conclusão do Novo Testamento; minha área de especialização

³Quando me refiro ao sentido histórico mais amplo do termo *evangélico*, estou tratando do movimento que cresceu especialmente a partir dos avivamentos do século 18 nos EUA, os quais enfatizavam Jesus como o único caminho para a salvação, além de realçar a cruz, o evangelismo e a suficiência das Escrituras. Procuro distinguir este sentido daquele que o termo adquire quando usado no título de denominações específicas (como, por exemplo, “Igreja Evangélica Livre” ou “Igreja Evangélica Luterana”) e também quando usado pela subcultura evangélica dos EUA, que muitas vezes é percebida por pessoas de fora como um único bloco político conservador, embora os evangélicos de raiz afro-americana ou latina nos EUA geralmente divirjam politicamente dos evangélicos de raiz europeia em suas ênfases.

e estudo é o Novo Testamento propriamente dito.) Não obstante, espero que esta obra contenha informações úteis suficientes para beneficiar todos os leitores, sejam eles pentecostais, batistas, anglicanos ou de qualquer outro grupo.

Esforcei-me ao máximo para escrever um livro imparcial em relação aos diversos pontos de vista, mas procurei em especial ser fiel àquilo que, a meu ver, a Bíblia apresenta. Ainda assim, tendo em vista que o histórico de um cristão e suas experiências espirituais (ou a falta de algumas delas) com frequência contribuem para moldar sua abordagem ao tema do Espírito Santo, é justo para com meus leitores que eu faça um relato sucinto de meu histórico.

Meu histórico nesse assunto

Fui curado de forma miraculosa, experimentei dons sobrenaturais como a profecia, segui a direção do Espírito ao testemunhar e tive experiências profundas no Espírito em momentos de oração (inclusive, com frequência, na oração em línguas). Considero essas experiências (e outras mencionadas mais adiante) uma vantagem para quem escreve um livro sobre o Espírito Santo que abrange questões controversas.

Talvez alguém levante a objeção de que essas experiências influenciem desfavoravelmente minha investigação a respeito da possibilidade de experiências desse tipo ocorrerem hoje em dia. Do ponto de vista deles, essa é uma objeção legítima (embora muitos pentecostais responderiam que a *ausência* de experiências também pode resultar em uma influência negativa no sentido oposto). Da mesma maneira que não posso negar a existência de alguém que conheço pessoalmente, não posso negar que essas obras ocorrem hoje, pois testemunhei sua realidade em primeira mão. Não espero, contudo, que outros aceitem a realidade dessas experiências com base em meu testemunho, caso não creiam que elas sejam bíblicas. Posso apenas convidá-los a ouvir os argumentos que extraí da Bíblia e, se assim o desejarem, os relatos que apresento.

No entanto, sou um evangélico estudioso do Novo Testamento com comentários publicados sobre diversos livros do Novo Testamento. Deus me chamou para entender e ensinar a Bíblia e se eu tivesse descoberto que minhas experiências não eram bíblicas, teria precisado encontrar outra explicação para sua verdadeira natureza. Não seria a primeira vez que a Bíblia me faria mudar de ideia a respeito de algo!

Faço parte, ainda, do movimento evangélico mais amplo comprometido com a evangelização do mundo sem levar em conta divisões denominacionais.

Conheci Cristo por meio de batistas fundamentalistas, fui ordenado em uma igreja batista de negros e leciono em um seminário batista evangélico inter-racial que recebe alunos de diversas denominações (presbiterianos, metodistas, menonitas, assembleianos e outros). Meus primos metodistas oraram para que eu entrasse no reino, e lecionei durante quatro anos em um seminário metodista episcopal africano. (Por isso, às vezes brinco que sou um “metobatiscostal”.) Quando leciono na África, tenho alunos de uma gama denominacional muito mais ampla: anglicanos, membros da Igreja de Cristo no norte da Nigéria, da ECWA, do Exército da Salvação, do ministério Deeper Life e assim por diante. Circulo, portanto, em diversos meios. Muitos (talvez a maioria) de meus amigos mais chegados não experimentaram os mesmos dons espirituais que eu, e tenho bons amigos que lecionam em instituições de ensino como o Dallas Theological Seminary e o Westminster Theological Seminary, e que consideram que certos dons espirituais cessaram.

Meu próprio histórico eclesiástico é variado. No início de minha vida acadêmica, estudei com pentecostais; posteriormente, estudei com presbiterianos, batistas, metodistas, membros da Igreja de Cristo e outros professores (e fui instruído por meio de uma gama ainda mais ampla de textos). Pastoreei uma igreja carismática. No tempo do seminário, fui membro de uma igreja não denominacional e não carismática. Quando me mudei para começar meu Ph.D., participei de uma igreja pentecostal durante dois anos até me tornar membro da equipe pastoral da igreja metodista episcopal africana e, posteriormente, da igreja batista. No momento, sou membro de uma igreja batista negra, onde também ministro; ocasionalmente, participo de cultos numa comunidade carismática judaica messiânica e viajo para dar palestras em vários meios. Esse meu histórico provavelmente mostra para os leitores que sou eclético, ou irremediavelmente confuso! No entanto, o corpo bíblico de Cristo não é delimitado por linhas denominacionais; nossos círculos de comunhão devem ser tão amplos quanto o corpo de Cristo.

Portanto, escrevo este livro tendo em mente o corpo de Cristo de modo mais abrangente, desde os pentecostais, passando pelos moderados, até os cessacionistas (segundo os quais os dons sobrenaturais cessaram), embora talvez meus amigos cessacionistas prefiram pular alguns dos capítulos finais! A maioria das igrejas provavelmente fica no meio-termo entre pentecostais e cessacionistas; grande parte dos cristãos de hoje parece aceitar que as experiências descritas na Bíblia continuam a valer para o nosso tempo, ainda que nem todo cristão tenha todas elas. Contudo, este livro tratará de questões práticas em número suficiente para que até os cessacionistas sejam beneficiados por pelo menos parte dele.

Muitos outros acadêmicos carismáticos ou pentecostais também escrevem para um público cristão mais amplo, estudiosos como Michael Brown, Peter Davids, Gordon Fee, Michael Green, Rebecca Merrill Groothuis, Wayne Grudem, Richard Hays, Michael Holmes e Ben Witherington, bem como alguns escritores bastante conhecidos, como foi o caso de Martyn Lloyd-Jones.

Um livro diferente

Embora tenha sido uma honra contribuir com um livro da série *3 Crucial Questions* [Três Perguntas Cruciais], da qual participaram autores como Grant Osborne, Clint Arnold e Tremper Longman, sou grato à editora Baker pela oportunidade de tratar novamente desse tema sob uma nova óptica. Embora este livro seja baseado no mesmo material que usei para o livro da série, *3 crucial questions about the Holy Spirit*, ele também representa uma reorganização considerável do material. Entre aquela obra e o presente texto, escrevi outros cinco livros. Portanto, espero haver adquirido mais experiência em como escrever um texto acessível. Também tive tempo de crescer mais em meu relacionamento com o Senhor e em meus relacionamentos com irmãos e irmãs com uma vasta gama de pontos de vista no tocante às questões associadas aos dons espirituais. Quanto a seu valor direto para a igreja, a presente obra talvez seja o livro mais importante que escrevi até hoje, com exceção, possivelmente, do *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*.⁴

Para tornar o texto mais interessante, incluiu mais relatos pessoais; aliás, algumas das histórias que narrei anteriormente em terceira pessoa, para evitar falar demais a respeito de mim mesmo, agora aparecem contadas em primeira pessoa. Seu propósito é ilustrativo, e não argumentativo; a argumentação (quando presente) se vale de fundamentos bíblicos. Incluí essas histórias, porém, por diversos motivos.

Primeiro, desejo ressaltar a importância da aplicação de princípios bíblicos à vida diária, e uma boa forma de incentivar essa aplicação é o uso de exemplos concretos. Meus alunos e colegas de ministério desejam exemplos práticos de como os princípios ensinados na Bíblia devem influenciar nossa vida diária. Descobri que essas ilustrações pessoais têm boa aceitação entre meus alunos porque mostram que preciso lidar com a aplicação do texto em minha própria vida e, portanto, não ensino apenas teoria.

⁴São Paulo: Vida Nova, 2017.

Além disso, como os relatos são pessoais, fica mais simples verificá-los. Sou testemunha ocular dos acontecimentos e das experiências que descrevo. Se sou digno de crédito, meus relatos também devem ser. Por fim, ao observar as técnicas de ensino de Jesus e os livros contemporâneos que prendem a atenção dos leitores, descobri o valor das histórias para comunicar temas dos quais desejo tratar. Histórias cativam pessoas da maioria das culturas de uma forma que os livros acadêmicos mais tradicionais não conseguem.

A necessidade

Há divergências entre os cristãos quanto a alguns aspectos da obra do Espírito Santo, mas todos nós podemos concordar quanto à maioria das questões mais fundamentais. Os primeiros cristãos viviam na dependência do Espírito de Deus, do começo ao fim, e devemos fazer o mesmo.

Cada avivamento ocorrido ao longo da história resultou de um novo derramamento do Espírito de Deus, geralmente acompanhado de experiências ou envolvimento ativo em prol de causas que ameaçaram o *status quo* das instituições religiosas de sua época. No entanto, a força da carne, ou o intelecto humano arrogante que procura controlar o poder de Deus, reduzindo-o a termos que conseguimos explicar, só pode ter a pretensão de bastar para a obra de Deus quando o reino de Satanás parece inativo. E esse não é o caso em nosso tempo.

Aqueles de nós envolvidos nas linhas de frente do evangelismo, em suas mais diversas formas, sabem que resta pouco tempo para o nosso mundo: precisamos encarecidamente de um avivamento. Teremos a coragem de sujeitar nossa vida ao doador do Espírito, independentemente do preço que o Espírito talvez nos chame a pagar a fim de alcançarmos nossos contemporâneos para Cristo? O destino de nossa geração depende da resposta a essa pergunta.

Reconhecendo a voz do Espírito

Quando cursava o ensino médio e era recém-convertido, comecei a falar de Cristo para meus colegas no caminho de volta da escola. Às vezes, tinha receio de testemunhar, mas sentia o Espírito me dirigir a falar com a pessoa atrás de mim, ou a andar mais uma quadra e encontrar ali alguém com quem compartilhar Cristo, ou entrar em contato com alguém que eu havia levado a Cristo na semana anterior para ver como estava se saindo. Com frequência, a direção vinha do Espírito Santo, mas às vezes era simplesmente fruto de uma indigestão, e eu ainda não sabia muito bem como distinguir entre uma coisa e outra.

Queria conhecer melhor a direção de Deus, mas, para isso, precisava conhecer algo mais importante que sua direção específica: precisava conhecer seu coração, saber como Deus era. Com frequência, temos conceitos equivocados a respeito do caráter de Deus. Temos o hábito de cultivar na mente nossos próprios ídolos e formar uma imagem de Deus que não corresponde ao verdadeiro Deus da Bíblia. Paulo disse que em parte conhecemos e em parte profetizamos (1Co 13.9). É possível que nem sempre ouçamos Deus perfeitamente, nem em oração nem em nosso estudo das Escrituras, mas se conhecermos o suficiente de seu caráter a ponto de amá-lo como ele é, ele tem maneiras de lidar com nossas deficiências em ouvi-lo. Quando compreendemos e refletimos seu coração, em especial o amor que pregou Jesus à cruz, podemos dizer com mais propriedade que “conhecemos a Deus” (1Jo 4.7-12).

Este capítulo lança os alicerces para conhecermos e identificarmos o Espírito; o capítulo seguinte apresenta comentários adicionais sobre aprendermos a ouvir a voz do Espírito. Com frequência, experimentamos a direção de Deus no evangelismo (cap. 3). O capítulo 4 também é fundamental para essa questão: o fruto do Espírito nos mostra o caráter do Espírito e, portanto, nos permite identificá-lo quando ele fala conosco.

Por que ouvir a voz de Deus?

No cristianismo ocidental contemporâneo, as pessoas frequentemente se mostram muito mais ansiosas para tratar de questões controversas, como o batismo no Espírito e os dons espirituais, do que para falar sobre o caráter do Espírito. Por termos essas prioridades, porém, pode acontecer de deixarmos passar o que há de mais importante para aprender sobre o Espírito: conhecer o coração de Deus. (Um dia, quando conhecermos Deus plenamente, os dons sequer serão necessários, por mais úteis que sejam no presente [1Co 13.8-12].)

Há vários anos, quando me sentia sobrecarregado pela pressão de tentar encontrar tempo para lecionar, escrever e dar palestras, estava num culto quando senti, repentinamente, o Espírito de Deus sugerir que eu considerasse algo em meu coração. Senti-o dizer: “Meu filho, você nem sempre terá este ou aquele ministério. Esses dons passarão quando você estiver diante de mim. Mas você *sempre* será meu filho”. Chorei ao sentir seu consolo (e, talvez, um toque de terna repreensão). Como Marta, havia me envolvido de tal modo com o trabalho que estava fazendo para Deus que tinha me esquecido do mais importante: de fazer como Maria e assentar-me aos pés de Jesus. Em sua graça, Deus nos usa para servirmos os outros, mas primeiro, em sua graça, ele nos salva do pecado, de nossa rebelião egoísta contra ele e contra seus caminhos. Qualquer coisa que fazemos para Deus é simplesmente fruto de sua nova vida dentro de nós. Senti que, embora se agradasse de meu trabalho, o que Deus mais desejava era que eu tivesse comunhão com ele, que o reconhecesse continuamente em todos os meus caminhos. Não serei professor ou escritor para sempre, mas serei sempre filho de Deus, algo que para mim tem mais valor do que qualquer outra coisa.

O Espírito Santo, assim como o Pai e o Filho, não é apenas uma doutrina, um conceito ou uma experiência a ser acrescentada a outras doutrinas e experiências da vida cristã. Ele é o Deus que invade nossa vida com sua presença transformadora.

Muitos de nós precisamos de direção para identificar de modo mais preciso quando e como o Espírito fala. Alguns círculos dentro da igreja têm a tendência de excluir quase por completo a obra do Espírito e se contentam em viver na dependência de aptidões e programas humanos. Como um pastor certa vez comentou: “Se o Espírito se retirasse da terra hoje, de modo repentino, a maior parte do trabalho da igreja teria continuidade sem sofrer prejuízo algum”. Em outros círculos, quase tudo o que acontece é atribuído ao Espírito Santo, embora muito do que ocorra nesses meios não tenha relação alguma com ele.